

Brasília: como vai nossa cultura?

A partir de hoje, publicaremos matérias a respeito do panorama cultural da cidade. Nesta edição, o cinema e o teatro são analisados por profissionais das áreas, que, ao contrário do que se esperava, mostram-se satisfeitos com a presença de público nas salas de espetáculos. Brasília não pode mais ser considerada apenas uma cidade de "funcionários públicos" que só assistem televisão. Literatura, artes plásticas e música serão debatidas em outra edição.



A pesar de tudo, o público continua apoiando o cinema, de forma crescente. Esta, pelo menos, é a opinião da Fundação Cultural do Distrito Federal, que promoveu na última semana de outubro o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Conforme informou Sophia Wainer, assessora de imprensa da Fundação, 14.218 pessoas assistiram ao Festival, contando todas as sessões no Cine Brasília e nas cidades-satélites, enquanto o Festival do ano passado foi visto por 11.125 pessoas.

No entanto, ao lado de posições oficiais a respeito da arte que se faz em Brasília, circulam os mais diversos tipos de opiniões, algumas conflitantes. É muito conhecida, e de certa forma até mesmo já desgastada, a opinião de que Brasília, por ser "uma cidade de funcionários públicos", não tem movimento artístico significativo. Por ser capital federal, o que acontece na cidade nas áreas política e econômica torna-se sempre mais "importante" do que o que se passa na área cultural. Esta é a posição de muitos analistas. E os produtores de arte? O público os apóia?

Luiz Gonzaga, gerente da Empresa de Cinema São Paulo-Minas, proprietária da maioria das salas de Brasília e cidades-satélites, classificou

de "intriga da oposição" as informações de que o cine Karim, do Guará, seria vendido. No entanto, confirmou o fechamento do Superama, no Setor de Diversões Sul, que já está desativado desde o dia 24 de outubro — segundo ele, por ser deficitário.

Para Gonzaga, com 14 anos de atividades ligadas ao cinema, a "sétima arte" não está em crise, como se apegua. No entanto, ele identifica claras diferenças entre o cinema de décadas passadas e o de hoje, em termos de público.

"Um filme atualmente atrai o público quando existe uma certeza anterior de sua qualidade, com raras exceções. Os grandes diretores, por exemplo, como Carlos Saura ou Fellini, continuam atraindo o público. Por outro lado, não se vêem mais superproduções, como Ben-Hur, na década de 50. O público hoje garante o estouro de um filme quando o diretor é conhecido ou quando um fato qualquer desperta o interesse com antecedência".

Alberto Cavalcanti, vice-presidente da Associação Brasileira de Documentaristas, afirma que o público de Brasília apóia o cinema e as manifestações artísticas em geral. "Analisando sob o prisma de que Brasília não é um núcleo de irradiação cultural por tradição, ao contrário de Rio, São Paulo e, em proporções

menores, algumas outras capitais, o comportamento do público em Brasília é excelente. Devemos lembrar, é claro, que vivemos numa sociedade ainda em sedimentação, que não tem tradição cultural. Apesar disso, todo evento, bem programado, recebe apoio bem significativo na cidade".

O dirigente da ABD concorda que Brasília possui uma grande massa de funcionários públicos, que são "pessoas mais sedentárias, que gostam muito de assistir televisão". Observando que "TV também é cultura", Cavalcanti lembra ainda que Brasília tem uma das maiores proporções de estudantes do país, matriculados em grande número de cursinhos, supletivos, escolas superiores e outros cursos paralelos ao ensino oficial. Este público estudantil é muito aberto, segundo ele, às manifestações artísticas. Além disso, grande número de entidades, como sindicatos e associações, possuem farta programação cultural.

O ator e diretor de teatro Chico Expedito vai ainda mais longe ao analisar a questão do público em sua atividade. "Brasília é, hoje, o terceiro mercado de teatro, superada apenas por Rio e São Paulo", garante ele, lembrando que dois antigos mitos estão caindo: o de que é uma cidade de funcionários públicos, que não saem de casa, e o de que durante o período

de férias escolares e feriados prolongados, a cidade entra em estado de hibernação. "Qualquer produção teatral do Rio e São Paulo sempre vem se apresentar aqui, por reconhecer o potencial da cidade", afirma.

Ele admite, no entanto, que ainda existe certo preconceito do público para montagens de grupos brasileiros — algumas fizeram maior sucesso em outros centros do que aqui, segundo ele. No entanto, dá a receita para se conquistar o público potencial que existe na cidade: o cuidado com o conteúdo, sensibilidade para "sacar o que está rolando", criatividade na divulgação, de forma a "pegar pelo pé" o segmento que mais comparece ao teatro — ou seja, o público jovem — identificando seus problemas e interesses, além de muita criatividade na divulgação.

Segundo ele, os textos com maior potencial de sucesso são os dirigidos ao público jovem e os de autores famosos, além, obviamente, daqueles que trazem à cidade atores conhecidos nacionalmente.

"O teatro em Brasília já é uma realidade", conclui Chico Expedito. "O que falta ainda é uma política mais definida dos órgãos públicos, e maior acompanhamento por parte da imprensa, de forma que pessoas que estão na batalha há dez anos não pareçam estar sempre começando. Independente disso, quem não percebeu

que Brasília tem movimento teatral intenso está morto".

Já o ator Alexandre Ribondi prefere analisar a questão da importância da manifestação artística a nível nacional. "Do ponto de vista do governo, a arte está em segundo plano e no país inteiro, não é só em Brasília, afirma ele. "Por isso, não podemos depender de apoio de órgãos oficiais, embora uma entidade como a Fundação Cultural do Distrito Federal seja sustentada pelo dinheiro público com o objetivo de promover a cultura. O caminho não é este. Temos que formar pessoal de bom nível profissional, criar público e condições financeiras de gerir o próprio espetáculo".

Segundo Ribondi, o artista brasileiro não pode contar com o apoio da Fundação Cultural assim como o trabalhador não pode contar com o apoio do governo para sua sobrevivência.

Outra questão levantada por Ribondi é a tendência à valorização excessiva do que vem de fora, em detrimento da produção local. "Infelizmente, nosso país só tem quatrocentos anos e mesmo no Rio e São Paulo o que vem de fora é sempre mais valorizado. Acaba sendo natural que em Brasília, que tem apenas 24 anos, isso aconteça também". Ele lembra o espetáculo da bailarina americana Twyla Tharp, que, embora desconhecida, lotou a Sala Villa-Lobos em

suas apresentações, respaldada por sua origem estrangeira. "Isso é um desrespeito aos que trabalham na cidade", protesta ele. "E o pior é que a falta de apoio não é só do público, é também dos empresários, das pessoas que têm dinheiro e condição de produzir um espetáculo, e da Fundação Cultural".

Para Alexandre Ribondi, o público, de uma forma geral, não tem hábito de ir ao teatro, e aí se inclui o público jovem. Segundo ele, uma faixa da população de Brasília — "aquela que diz que não há o que fazer na cidade" — só vai ao teatro "para ver Tarcísio Meira e Glória Menezes", e outra, a mais jovem, vai para ver uma linguagem diferente, como a do espetáculo Vidas Erradas. "E como ver um espetáculo do Asdrúbal ou da Blitz", afirma. O interesse é pela linguagem, não pelo teatro em si. Quem comparece a uma peça destas não tem necessariamente interesse em ver um texto clássico, por exemplo".

O mal de Brasília, particularmente, para Ribondi, é que como capital federal, acaba sendo vista como uma cidade transitória, a que as pessoas não se ligam e onde não têm interesse de permanecer para sempre. "Isso é muito ruim, porque cria uma atmosfera de desamor", conclui.

José Alexandre Marino